

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 6

FORTALEZA, 30 DE MARÇO DE 1887.

SUMMARIO

O papel da poesia—R. FARIAS BRITTO.
Os quinze dias—J. L. ;
Jesus—V. BRIGIDO ;
O padre Francisco Pinto ou a primeira catechese de infios no Ceará—PAULINO NOGUEIRA.
Morphético—VIRGILIO VARZEA ;
A mulher na familia—F. CLOTI E B. LIMA.
Uma observação—L. CABRAL.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

O papel da poesia

L'inspiration, le je ne sais quoi, ce qui va a l'idée et qui frappe l'âme, sont des mots écrits en caracteres noirs sur des nuages bleus.

PROUDHON.

Quem tiver alguma idea dos trabalhos extraordinarios que hão sido emprehendidos e das descobertas fecundas que hão sido realisadas nesta epocha extraordinaria, que com razão se pode chamar a epocha das indagações e das revoluções intellectuaes, hade ter notado o seguinte :

1.º Que o espirito chegou a um estado tal em seu desenvolvimento

que só acceita como incontestavelmente certo aquillo que pode sujeitar-se a uma prova segura, visivel, material, deixando inteiramente de parte como inacessivel ao entendimento a essencia das cousas, o incondicionado, o absoluto.

2.º Que todas as descobertas da sciencia moderna têm uma applicação mais ou menos directa sobre o melhoramento da vida, sobre o bem estar da sociedade.

Em outros termos : estuda-se unicamente aquillo sobre que se tem provas, só se acceita como certo o que é confirmado pela experiencia e pela observação rigorosa dos factos ; e demais só se attende às indagações que podem ter alguma influencia sobre a marcha da sociedade, que podem ter alguma utilidade real.

D'ahi um novo criterio para julgamento dos diversos elementos de que se compõem a sociedade e uma das consequencias mais importantes d'esta nova ordem de cousas foi o rigor com que foram muitas cousas julgadas e a facilidade com que foram muitas outras expellidas para o numero das cousas inuteis. Apareceu uma sede inesgotavel de critica e ; por entre a destruição do que realmente deve ser destruido, muita cousa foi sacrificada, a par do que vae ficando em esquecimento.

Nunca é possivel fazer de uma só vez uma obra completa—tal é em poucas palavras a explicação desse facto, e não se deve temer que por estas imperfeições parciaes a moderna revolução intellectual deixe de produzir os seus beneficos effeitos.

Como tudo o mais, a poesia teve de ser submettida ao tribunal do pensamento moderno. Como já em outras eras tem acontecido, houve quem pretendesse lavrar-lhe uma sentença de morte. E' a sua defesa que vamos agora fazer.

Antes de tudo devemos observar que não se trata de fazer um estudo completo sobre a natureza da poesia, bem como sobre a sua influencia no mecanismo da sociedade. Seria um problema esse que se confundiria com o problema mesmo da litteratura, e não temos elementos para levar a effeito uma empreza desta ordem. Apenas apresentaremos ligéiras notas sobre a influen-

cia da poesia, sem entrarmos no exame minucioso das diversas escholae e apenas procurando defendel-a dos ataques que injustamente lhe hão sido dirigidos na effervescencia do grande movimento intellectual hodierno.

A poesia, dizem, é a linguagem das sociedades nascentes, a auro-ra da vida sentimental e intellectual da humanidade.

Revestida de um certo character religioso, é por assim dizer a expressão ingenua dos movimentos emocionaes das sociedades que ainda não chegaram a um certo grau de desenvolvimento, a manifestação espontanea das primeiras agitações que experimentam os povos incultos.

A' proporção, porem, que as sociedades augmentam, à medida que o espirito scientifico mais se desenvolve no homem, a sua influencia vae pouco a pouco tornando-se menos poderosa e real, até que com o completo desenvolvimento das faculdades humanas o seu desapparecimento será necessariamente total.

D'este modo acceita-se a poesia como um facto, senão inteiramente passado, pelo menos como um facto que vae passando e hade passar.

Houve um tempo em que na falta de outros recursos o homem teve necessidade de manifestar a sua actividade por meio da poesia. Condições mui especiaes da sociedade, imperfeições mentaes, predominio do sentimento sobre a intelligencia, necessidade de exercicio mental etc etc. determinaram o seu apparecimento: isso porem já passou e vae sendo universalmente reconhecido.

Agora começamos a entrar em uma nova ordem de cousas. O espirito começa a livrar-se das peias que limitavam o seu livre desenvolvimento e se põe em face da natureza que se propõe explorar. Termina esse longo periodo de inconsciencia a que esteve sujeita a humanidade, e nestas condições a poesia terá de forçosamente se reduzir a isto—um phenomeno historico que já teve o seu tempo.

Tratemos de submeter a materia a um exame geral em conformidade com os principios proclamados pela sciencia e tendo em vista as necessidades do homem.

Já uma vez tivemos occasião de dizer, estudando outra questão: "O homem, segundo a moderna comprehensão das cousas, segundo o estado actual das idéas só poderá encontrar uma explicação natural de sua existencia no seio do mundo zoologico. Os trabalhos de Copernico, Kepler, Galileu e Newton destruíram o erro geocentrico, e os trabalhos de Goethe, Lamark, Liell, Darwin, Hækel etc. destruíram o erro anthropocentrico, erros que muito obscureciam os conhecimentos relativos ao homem. Hoje acham-se completamente destruidas as idéas theologicas em virtude das quaes tudo acerca do homem se achava envolvido nas brumas tenebrosas das velhas concepções metaphisicas. Chegou a comprehender plenamente que o homem está intimamente ligado ao universo e não pode ser separado d'elle. Conheceu-se que é uma simples particula da natureza e que, como ella, está sujeito a leis imutaveis e eternas, encontrando-se a explicação de sua existencia nas profundezas do mundo animal, o qual por sua vez tem o seu fundamento nas evoluções e nas complicações infinitas do movimento cosmico"

A consequencia geral que d'ahi resulta é que o homem como tudo o mais está inevitavelmente sujeito ao regimen inflexivel do mechanismo universal. Isto quer seja considerado sob o ponto de vista physiologico, quer sob o ponto de vista psychico e social.

Não se trata da questão das origens que nada adianta em relação à materia de que nos occupamos. Tratemos unicamente de ver quaes as causas determinantes dos actos do homem.

Estudando os diversos elementos que concorrem para a determinação dos actos humanos e observando a marcha da humanidade atravez da historia, vê-se claramente que dous principios fundamentais e subjectivos combinados com uma multiplicidade infinita de causas objectivas, presidem a marcha da vida desde o obscuro habitante das cavernas até os brilhantes filhos da civilisação hodierna: o interesse e a paixão. Esses dous principios combinados dão em resultado a necessidade, e tal é a grande força motora a que são devidas todas as obras, todas as grandes conquistas da actividade humana.

As necessidades do homem podem ser reduzidas a duas ordens: necessidades phisicas e necessidades intellectuaes. As necessidades phisicas dão lugar à pesca, à caça, à domesticação dos animaes, ao commercio, à agricultura, em uma palavra, a todos os esforços do homem tendentes a appropriação do universo e que tem por fim o desenvolvimento physico do individuo.

As necessidades intellectuaes dão lugar aos esforços do homem tendentes ao conhecimento das cousas, ao aperfeiçoamento indefinido da intelligencia, a essas grandes manifestações do pensamento: a sciencia, a religião, a philosophia.

Tal é com effeito o grande campo em que se exerce a actividade do homem e a historia inteira não tem outro fim senão registrar as conquistas do espirito, já relativas à satisfação das necessidades phisicas, já relativas à satisfação das necessidades intellectuaes. Ao lado, porem, das necessidades phisicas e intellectuaes colloca-se uma outra ordem de necessidades—as necessidades estheticas.

O homem não precisa somente de conhecer e dominar as forças da natureza: elle admira e precisa de traduzir a sua admiração; sente e precisa de manifestar o seu sentimento. Em virtude de suas necessidades intellectuaes observa attentamente a marcha das cousas e desta observação eleva-se ao conhecimento das leis que a regem; põe-se depois, em virtude de suas necessidades phisicas em luta contra as forças da natureza e dominando-as, para o que se serve dos seus proprios conhecimentos, transforma-as em utilidades, assegurando assim a conservação e o desenvolvimento da vida.

Ha, porem, alem d'esta esphera em que gira a actividade humana, uma outra ordem de factos ainda mais elevada. Alem dos esforços do espirito tendentes a appropriação e ao conhecimento do universo, acontece que no meio das difficuldades enormes que encontra no exercicio de suas faculdades, na infinita complexidade dos factos sociaes, cercado de duvida e incertezas, no meio das luctas interminaveis dos homens uns contra os outros, na grandeza, nos gosos, bem como na miseria e no soffrimento, e sobretudo em face do espectáculo magestoso da natureza, o homem sente agitar-se dentro de si um elemento desconhecido que o transporta: enthusiasma-se, canta, suspira, enlouquece, chora.

De um lado apresenta-se o quadro tenebroso da dor e da miseria no seio da sociedade e do mundo animal; de outro lado o espectáculo maravilhoso da força universal no seio da natureza.

E o homem fica suspenso como que entre os limites de dous mundos desconhecidos: sente-se o effeito prodigioso de uma extranha fascinação que nos eleva aos limites da natureza: sente-se todo o horror que nos inspira o não ser e experimenta-se o deslumbramento da eternidade.

A vista procura então um ponto de apoio e perde-se no espaço, o coração procura uma afeição

que o abranja e parte-se do peito. E' a contemplação da idéa.

A historia é uma serie constante de luctas intellectuaes e de luctas phisicas ou economicas, mas é tambem uma serie de luctas sentimentaes; e a lagrima, as emoções, o enthusiasmo, o amor, não deixam de exercer uma grande influencia sobre a marcha da sociedade.

Werther, suicidando-se por não lhe ter sido possivel o amor de Carlota, não foi o producto hybrido de uma imaginação doentia, porem um symbolo vivo da humanidade. Dante afogando-se num oceano de luz, depois de ter passado pelos sombrios horrores do inferno, afogando assim a imaginação e inundando as profundezas da alma com a deliciosa perspectiva da felicidade celeste, tudo isso por uma só idéa que o inflamava, a idéa de Beatriz, confundindo-se com a idéa mesma da humanidade, não foi um simples exercicio mental, um simples esforço de metrificacão, porem os mais elevados paroxismos, os ultimos delirios da paixão, a profundez, o transcendentalismo do amor.

Quem foi que no meio das grandes agitações sociaes, entre a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, o sorriso e a lagrima, em face do movimento incessante das grandes luctas da humanidade, alguma vez não sentiu-se poeta? Ha momentos em que um só homem concentra em sua alma a totalidade das emoções, que constituem a vida da humanidade: é quando uma grande idéa revolucionaria o seu ser. Homero, Dante, Virgilio, Shakspeare, Goethe, Hugo e todos os grandes poetas devem sem duvida ter experimentado d'estes sublimes momentos. A actividade do organismo accumula-se toda em um só ponto e a natureza inteira concentra-se n'alma. Faz-se então uma fusão maravilhosa: o espirito se estende para a natureza e a natureza se estende para o espirito; o movimento interminavel do mundo cosmico termina na consciencia e a consciencia o reflecte. O resultado é a philosophia, a sciencia, a religião, a poesia. D'ahi esta consequencia: a natureza é um poema eterno.

(Continúa)

R. FARIAS BRITTO.

OS QUINZE DIAS

Palavra que eu preferia não ter assumpto para a chronica destas duas ultimas semanas. Sei que não me acreditam e estou vendo d'aqui o sorriso da duvida zombeteira com que

o leitor passou os olhos por cima desta declaração, absurda para quem tem obrigação de encher umas tantas tiras de notas sobre os acontecimentos de um periodo dado, ultra-absurda para um chroniqueiro da vida provinciana que as mais das vezes não tem acontecimentos a que grudar as suas notas.

Pois é tal e qual, acreditem ou não.

Não tivessæ eu assumpto ou não tivesse o assumpto que tenho e sentir-me-hia feliz neste momento, ao deixar que a penna deslissasse por estas tiras abaixo, rabiscando frivolidades ou tecendo em filigranas de estylo impalpavel uma porção desses milhares de desculpas que acodem facilmente aos chronistas e que constituem calote formal, porem admittido pela nimia condescendencia das victimas, os Srs. assignantes.

Que os quinze dias tinham sido chôchos, que não davam factos chronicaveis por mais que se os espremesse, que estava furioso com isso, que ia dar demissão de quinzediazeiro e muita outra tolice do mesmo gosto diria eu nas poucas columnas que me confiaram os collegas e tinha ganho honradamente o meu magro salario, ficando o leitor com cara de tolo e eu com a consciencia tranquilla e feliz como um frade que pregou mal e jantou optimamente

Não é assim infelizmente. O periodo decorrido é opulento de assumptos; os assumptos são riquissimos. Vasio e pobre estou eu de verve correspondente.

E ahi está porque eu preferia não ter assumpto.

Dois factos entraram juntos para os noticiarios das folhas quotidianas, para os archivos

da chronica, para os porões de carga remettida á posteridade. Juntos, inseparaveis, como os dous irmãos siamezes, mas dessemelhantes, antiteticos, só conciliaveis pela regra de não poderem fazer liga dous gonios iguaes. A festa ruidosa e brilhante dos livres, e festa ruidosa e funebre dos mortos. 25 e 24 de Março. E' necessario transpor a ordem chronologica para ser fiel á verdade e seguir o desfile das impressões recebidas.

Aos que tem em devida conta as commemorações, considerando-as como estímulo para a reproducção dos grandes homens e dos grandes acontecimentos, pareceu que era um crime o olvido ingrato em que ia cahindo a maior data da historia patria, a da redempção total dos captivos de uma das mais vastas circumscripções administrativas do imperio, e resolveram promptamente reagir contra o mau verso em que ia ficando o povo de só ver no dia 25 de Março a luminaria reles de lampeões enfumaçados e vellas de vinte, triste decoração dos carunchosos edificios publicos; de só ouvir o som da velha artilheria official, saudando o anniversario do juramento dessa mascara de despotismo sonoramente appellidada — Constituição do Imperio.

Era triste esse descaso em que ia cahindo a gloriosa data.

Triste e deponente.

Em boa hora, porem, tomaram attitude decisiva e decretaram sua restauração integral, solemne e pomposa os que tem em devida conta as commemorações. Todos estiveram a postos ao toque de reunir. Nenhum elemento faltou. As matronas, as moças,

as crianças, a imprensa, o povo, todos sem objecções de dæsanimo, sem hesitações de duvida accudiram ao appello e as festas de 25 de março foram dignas do seu objecto pelo brilhantismo e pela expontaneidade.

Destaco o que de mais popular e mais expressivo apresentaram os festejos em honra da causa abolicionista

No escriptorio do *Libertador*, officina de labores incessantes, convertida em sala de festim, garrida e louçã; aqui retratos em molduras largas, pompeando reflexos luzentes sobre festões e grinaldas de folhas; alli tropheus de bandeiras e de armas indigenas; adiante arcos e palmas, o eterno symbolo dos triumphadores; por toda parte senhoras offegantes, meninos alegres, burguezes endomingados, cheirando a cedro de guarda roupa e fumo de charuto.

Uma multidão em fim de homens e de cousas n'um amalgama impossivel, respirando a custo n'um ambiente vez vezes inferior ás necessidades do gasto pulmonar.

E lá, ao fundo, enthronado em seda e flores, o busto a crayon de José Bonifacio, o «morto immortal», o mallogrado patrono dos captivos, o ingenuo patriota que teve a suprema candura de morrer cren-te dos homens, apaixonado das ideias.

Foi para mim a mais bella parte da festa essa modestissima, mas tambem eloquentissima homenagem áquelle adoravel character são e immaculado.

Ainda não tinham de todo amortecido as luzes que engrinaldavam as fachadas das casas; mal cessára o vai-vem da multidão em romaria pelos

pon tos da cidade mais nota-
veis por sua decoração, quan-
do a aza agoreira d'um mor-
cego enorme e negro baixou
funebremente, apagando de
todo a impressão boa e salutar
das commemorações e collo-
cando no lugar della o espan-
to dolorosamente esmagador
de uma desgraça.

O *Bahia* velho paquete, a-
migo de longa data do velho
oceano, fora sepultado no fun-
do negro das aguas!

Uma traição do mar?

Não. Uma traição dos ho-
mens.

« O tempo é calmo, o espaço é todo um
E, de repente, a nao pára e se abysma
Nas fauces torvas e infernaes do oceano.»

Não foi o anjo das tempestades que abriu as azas terri-
veis para revoltar as ondas a-
migas contra o gigante ne-
gro que lhes esmagava o dorso
giganteo, açoitando-lhes os
flancos triumphantemente,
thuriferando os astros com
rolos espessos de fumo quente.

Não. A noite é branda e
fresca; no céu estão accezos
todos os cirios; as aguas abai-
xam humildemente o dorso;
cantam as auras nas euxarcias
e as ardentias brincam na es-
teira de espuma.

De repente.. um choque!

Ninguem calcula o que foi;
só o commandante, o velho a-
migo d'aquellas quatro taboas,
compreende que está tudo
perdido.

A poucas braças passa uma
sombra grande e negra, es-
gueirando-se como um saltea-
dor, que foge com o ouro da
victima, enquanto esta estre-
bucha no derradeiro stertor.

Feriu o outro mortalmente
e corre, o malvado!

Cinco minutos depois co-
meça a terrivel agonia. O
navio estortega nas vascas
derradeiras; as aguas abrem-

lhe o seio e fecham-se rapida-
mente sobre o cadaver.

Agora a luta dos naufra-
gos.

Não...Desviemos os olhos
deste quadro. Tem luz de-
mais. Deslumbra. A luz do
inferno de Dante produzindo
vertigens de horror.

Nem uma esperança—é a
ultima nota dessa marcha fu-
nebre!

« E neste abysmo fundo de amarguras
Uma esperança vale uma jangada... »

Paz aos que dormem amor-
talhados no lençol das aguas
e aos que tem por tumulo as
camaras brancas do areal da
praia.

J. L.

JESUS

Foi num tempo remoto. A um canto da Judeia,
Não longe desse mar que a morte na onda envolve,
Ao pé desse outro oceano, em que a infinita areia,
Em vastos turbilhões, medonho se revolve;

No tempo em que no Olympo os deuses recolhiam
As almas dos heroes, e os Cezares sagrados
Semi-deuses crueis, aos povos conquistados
Com terrificas leis soberbos oprimiam;

Nesse tempo obscuro, em que o saber humano,
O escravo consagrava ao ganho do tyranno,
Era a guerra entre irmãos o tom dominador;

— Um prodigio se fez! Um homem santo, um sabio,
Do alto de uma cruz, deixou cair do labio
Esta legenda santa:—Liberdade e Amor.

V. BRIGIDO.

O padre Francisco Pinto

OU

A primeira catechese de indios

No Ceará

POR

PAULINO NOGUEIRA

(Continuação do n.º antecedente)

A Ibiapaba era povoada de
muitas tribus tapuyas (40),

(40) Litteralmente quer dizer—fu-
gidos da aldêa; de «taba» aldêa e

que rendiam vassalagem aos
tobajáras, doceis e trabalha-
dores, que cultivavam a man-
dióca, o milho e outros legu-
mes. (41).

Mandaram os padres alguns
conterraneos delles para no-
ticiarem-lhes a chegada da
expedição catechista e apre-
sentarem-lhes da parte dos
missionarios seus *cubé-catús*
(42), acompanhados de presen-
tes, tal qual tinham procedi-
do na aldêa do Ceará.

O expediente produziu o re-
sultado desejado. Concorre-
ram todos os Principaes to-
bajáras a encontrarem-nos, e
tão satisfeitos ficaram de vél-
os, sobre tudo ao Padre Pin-
to, tão respeitavel, doce e pe-
rito na lingua delles que,
cheios da maior confiança, le-
varam-nos logo para a sua
principal *taba* (43), onde reco-

«puyr» fugir; e livremente—gentio,
inimigo, barbaro. A principio *ta-
puya* era o termo com que se signi-
ficava genericamente todo e qual-
quer indigena, ainda que oriundo
de raça diversa (Lisboa, «Apont. pa-
ra a Hist. do Mar. Obras», Tom. 2.º
pag. 198), os proprios europeos em
estado de guerra (G. Dias, «Braz. e
Ocean.» cit. pag. 10, nota 1.ª), ou
os indios vencidos pela grande ra-
ça invasora, a dos tupynambás. Pi-
nheiro Chagas, *A Virgem Guara-
ciaba*, pag. 255, nota 16. Hoje já é
termo admittido em portuguez, co-
mo se vê em Moraes, «Dic. Diz-se
«tapuya» o homem gentio, e *tapuya*
a mulher gentia. Dr. Martius, *Glos.*
cit. pag. 88, not. 2.ª No Pará já é
synonimo de «servo»: pede-se, en-
gaja-se um para seu «tapuyo» ou
«tapuya», conforme é homem ou
mulher indigena. Dr. Amazonas,
«Romance hist. do Alto Amasonas»
nota 14.

(41) Alfonse de Beauchamp, «Hist
du Brez.» Tom. 1.º, pag. 44, Arari-
pe, pag. 15 e 17, Catunda, pag. 54.

(42) Litteralmente quer dizer—vin-
das boas; livremente--lembranças,
saudades.

(43) Claudio de Abbeville cit Cap-
12, pag. 80, chama à essa aldêa--
Ararenda, que deve ser corruptella
de *Irarana* mel falso, parallelo a
Irapuam Melredondo, nome de um
dos caciques que dominavam as tri-
bus da Ibiapaba.

Diz o Padre André de Barro «que
na noute em que entraram os Jesui-
tas na Viçosa, junto da casa onde

braram animo e força para entrarem logo no cultivo da vinha do Senhor, em cujo nome fallaram-lhes, encontrando-os nas melhores disposições de espirito. Deram então começo á catechése, levantando capellas e cruces, baptisando, confessando e doutrinando incessantemente nos templos e fora delles.

E' inexplicavel a unção religiosa com que esses barbaros ouviam as predicas do angelico padre Pinto, cujo nome por suprema expressão de affecto corromperam logo em *Pai Pina* (44), por que tornou-se geralmente conhecido entre elles. Si o ouviam, melhor praticavam o que elle recommendava, observando restrictamente, com mulheres e filhos, todos os preceitos e mandamentos da lei de Deus.

Fazia excepção da regra, como a noite do dia, uma tribu tapuya, industriosamente rebelde ao que dizia respeito ao christianismo e aos seus ministros, chamada *tocarijús* (45).

Industriados por Satanaz, que se gaba de ser logico — *Ed*

estavam, ouviu-se um grande setrondo que abalou os penhascos da serra. Foi o signal da retirada do demonio, que alli era visto pelos indios em figura medonha e afogueada." "Vida do Apostolico" Padre Antonio Vieira da "Companhia de Jesus" Liv. 1.º pag. 176.

(44) Padre Vieira, "Rel. da Mis" cit. Cap. V.

(45) O Dr. Pedro Theberge, "Esboço Historico sobre a Provincia do Ceará, Parte 2.ª, escreve *tucurijú*, visivelmente erro typographico; mas todos os mais escrevem *tacarijú*, excepto o Padre Antonio Vieira, que escreve *tocarijú*, orthographia que segui em homenagem à sua grande autoridade. Pode ser tambem uma ou outra. Si *tacarijú*, será corruptella de *taquára* e *jú* espinho, poncta: poncta de *taquára*. Se *tocarijú*, significará--espinho escondido; de *tocari* participio do verbo *tocar* encobrir e *jú*: etymologia mais conforme com a indole perversamente refohada e traiçoeira destes barbaros.

io son logico (46), os seus *pa-jês* (47) viviam constantemente a levantar objecções aos padres, manifestamente denunciando o estado de rebeldia de seus espiritos á santa doutrina de Jesus Christo,

Um, por exemplo, objectava que só se baptisaria quando Deus encarnasse segunda vez em uma *donzella tapuya* para remir a sua raça; pois da primeira tinha encarnado em uma branca para remir a raça branca. Outro, que Deus havia ainda de dar uma volta ao mundo, subindo a terra, e descendo o Céu, para os indios poderem dominar, como os brancos dominavam agora. Outro, finalmente, a quem se fallara das penas do inferno, á que ficaria sujeito, como os judéus, se não se emendasse: « *Mande ao inferno os judéus que mataram a Jesus Christo, não a nós que não lhe fizemos mal nenhum; porque nos manda ao inferno sem razão?* Na veneração dos templos não eram menos impenitentes. Chamavam a igreja — *igreja*

(46) Dante, "Divina Comedia", "O Inferno". O satanaz 'Mephistophelles) de Goethe é menos pedante, porem mais desabuzado, dando contas deste mundo ao Padre Eterno:

...Eu, rhetoricas sublimes,
é couza que não gasto, e mesmo
(escuso
deste augusto congresso expor-me
(às vaias.
Co'o meu "pathos" tu proprio te re-
(rias,
a não teres perdido esse costume.

Sei cá palavrariar de soes! de mundos!
Toda minha sabença é perder ho-
(mens.

"Fausto, Traducção do Visconde de Castilho", pag. 17.

As tribus da Ibiapaba obedeciam tambem ao Cacique *Taguaybunuçú* (como escreve o Padre A. Vieira) ou *Jurupariguaçú* (como se escreve geralmente) litteralmente--"bocca torta grande" elivamente--"Diabo grande" ou "Grão Diabo", que nunca foi alliado sincero dos portuguezes, mas sim dos francezes.

(47) Litteralmente quer dizer--o que diz o fim; livremente--sacerdote, propheta, feiticeiro, curandeiro.

de moanga (48), que quer dizer—*igreja falsa*, e a doutrina della—*morandubas dos Abares*, isto é, *patranhas dos Padres* (49).

Com uma paciencia evangelica, não tinham todavia os missionarios perdido ainda a esperanza de tirarem agua pura dessas rochas vidas; mas precisavam de mais tempo, que era ainda o instrumento que lhes faltava empregar, e de que esperavam bom resultado.

Faziam, porem, cinco mezes que se achavam missionando na serra, e maior demora contrariaria prejudicialmente os seus formados designios de se acharem na ilha do Maranhão em tempo certo e breve. Já podiam partir, dizendo com o prophético Anchieta pela bocca do poeta inspirado:

..... Não tarda o dia
Que estes amplos sertões, estes desertos
Se cobrirão de granjas e herdades,
De ferteis plantações. Um povo livre
Será senhor das terras planturosas,
Onde, pobres romeiros, levantamos
Nossas precarias, miseraveis tendas.
Não importa! Lançamos, os primeiros,
A semente da fé por estes ermos!
Hasteamos o labaro divino,
Sobre estes verdes montes conquistamos
Em nome de Jesus estes desertos,
E o deserto maior das consciencias
Desta raça feliz! (50)

Resolveram, portanto, partir, deixando aos seus neophi-

(48) Da corruptella deste vocabulo, que se encontra na "Rel. da Mis", citada do Padre Vieira, Cap. 13, é que provém "muamba", termo que se tornou muito vulgar e celebre entre os retirantes da secca do Ceará de 1877 a 1879, com a significação de "velhacada". Em Ivens e Capello, "Viagens de Benguela à terra de Jãca" Vol. 1.º pag. 11 e 69. vem a estampa de uma especie de cesta comprida, uzada n'Africa pelos naturaes para suas viagens, como a nossa maca, chamada *Mu-hamba*. Mas não é nesse sentido innocente que se deve tomar o vocabulo do uzo cearense.

(49) Padre A. Vieira, "Rel. da Mis" cit. Cap. 13, e Alfonse de Beau-champ; "Histoire du Brésil, cit. Tom. 1.º, pag. 44.

(50) Fagundes Varella, "Anchieta ou o Evangelho da Selva", Cap. X, pag. 332.

tas tobajáras as recommendações que seu zelo religioso lhes ditava ; aos malvados tocarijús, porem, mandaram, em despedida, um presente de miudêzas por dous indios de sua comitiva, e seguiram viagem com mais oito, tupynambás, tobajaras e o petiguar, que os havião acompanhado desde o Ceará, todos dez seus fervorosos cathecumenos.

O presente foi o toque de rebate entre esses selvagens, ou antes, a faina chegada á polvora.

Convenceram-se pelo que receberam que os padres se retiravam com muitas couzas, e decidiram-se por isto desde logo a matal-os para roubal-os, começando de matar alli mesmo a um dos indios portadores, e deixando vivo o outro em quanto lhes servisse de guia até á pouzada dos padres, que ignoravam.

Estes ha dous dias andavam de viagem, viagens pequenas, porque a idade avançada do Padre Pinto e os pessimos caminhos não permitião-lhes maiores ; de modo

Talvez seja agradável ao leitor conhecer também a seguinte parte de um projecto da deputação do Ceará, apresentado à Camara Temporaria e datado de 12 de Novembro de 1827 :

" Convindo dar educação litteraria à mocidade das duas provincias Piauhy e Ceará, as mais destituidas de elementos de instrucção, e sendo impraticavel crear presentemente, pelo estado actual de ffinanças, em cada uma um seminario ; lembião e propõem a creação de um pequeno Lyceu, com as cadeiras de preparatorios de que faz menção a lei novissima dos cursos juridicos, no lugar de Villa-Viçosa, que fica em cima da serra da Ibiapaba, fertil, ameno e fresco, proximo a um porto de mar, limite das duas provincias, ás quaes pode ser de commum utilidade. Para o estabelecimento do referido Lycêo existe alli a Casa Collegial dos extinctos Jesuitas, dependente de alguns reparos ; e para patrimonio e subsistência seria bastante adjudicar-lhe a administração e rendimentos de 5 fazendas de gado illegalmente possuidas sem Beneficencia Imperial."

que estavam ainda á pouca distancia da aldeia, hoje cidade da Viçosa.

O MORPHETICO

A. CRUZ E SOUZA

Sempre fôra muito rubro.

Uma vez, entrou da rua fatigado e metteu-se n'um banho frio.

Tingiu-se-lhe a pelle de rôxo, engrossaram-se-lhe os tecidos.

O rosto maculado engurgitou-se, tomou um aspecto encalombado e feio, como se tivesse passado uma noite de calma, em um rio, n'uma atormentação de mosquitos.

As orelhas encorporaram-se prodigiosamente, e o nariz, violacio, entumescceu de maneira saliente, brutal, dilatando as narinas.

As conchas das palpebras espessaram se, reviráram-se, n'uma tumidez enorme, conservando os olhos uma humidade mucosa, pelladas as sobranças.

A bocca tumefacta contorcera-se n'uma tromba, d'onde manava uma saliva ichorosa, tórpe, putrida. A pelle gretára-se dissorando pus.

Tornára-se medonho ; sentia vergonha de si proprio, não apparecia a ninguem.

Só furtivamente, de um modo tímido, chegava ás janelas dos fundos, para ver o mar.

Andava enclauzurado na sua vida de tumulo.

E, entretanto, amava apaixonadamente a vizinha que lhe ficava em frente—uma rapariga, morena, esbelta, de boa carnadura, e que costumava conversar com elle outr'ora, nos tempos felizes.

Já lá iam dous annos que elle não a via !

Que angustia ! saber que ella estava alli, tão perto, do outro lado da rua, e nem ao menos poder espial-a, temendo ser visto !....

E vinham-lhe, então, desesperamentos horriveis, blasphemias, berros de desgraçado contra Deus, irritações de atheu ; e, depois d'isso, um certo temor raligioso, um remorso afflictivo, uma idéa muito viva da providencia, que fazia o seu coração torturado palpitar, dizer intimamente, baixinho :—eu creio em ti, ó Deus !....

E quedava-se demoradamente, n'uma immobilidade de magnetizado, enterrado n'uma cadeira de braços, velha, de assento de lona, perdido em um scismar profundo, o rosto tombado sobre a mão, n'um arrepanhamento de feições que lhe torcia a bocca, tornando-o medonho, com o olhar figgado no chão, sem movimento, como o de um sujeito masturbado.

Permanecia assim horas inteiras.....

E a proporção que a molestia avançava implacavel e feroz, elle sentia avolumar-se, avolumar-se muito, dentro do peito, aquelle amor indomavel e feroso, que o incendiava todo.

Um sabbado, quando elle submergia-se por umas scismas funerarias e negras, semeadas de branquidão de sepulchros e cantos esmorecidos, téttricos, de aves agoueiradas — ruidos espalhafatosos de carros que se approximavam, estremecendo os prédios, ergueram-lhe na imaginação uma lembrança terrivel d'ella, da suave creatura que o fazia viver ainda, e por quem elle era perdido, perdido....E, arastado por um presentimento,

extraordinario, atirou-se audazmente á janella, ante os olhares espantados de todos, e, ahi, aparvalhado, tremulo, estrangulado quasi, vio-a passar, n'um carro ornamentado de rendas, ao lado de um sujeito encasacado, descoberto, de claque e luvas, — magnifica. com uma grinalda de flôres de laranja a apertar-lhe a cabecinha de virgem e um vestido de gorgurão branco a contornar-lhe estheticamente as fórmãs, enchendo o carro d'uma fartura transbordante de prégas.

Então retirou-se mudo, cambaleante, sinistro, animalizado, cahindo sobre a cama de bruços, n'uma dor omnipotente e sobrehumana, varado, n'um trespassamento de magoas supremas e infinitas!

VIRGILIO VARZEA.

A MULHER NA FAMILIA

(Conclusão)

Uma lingua que balbucia, uma face que córa, um olhar que se perturba são para ella indícios de uma má acção que é preciso conhecer e cuja repetição deve ser evitada para que não traga serias consequências.

Então, com a doçura que só ella pessue, com essa previdencia quasi divina, segue os passos vacillantes do filho e cercando-o de uma prudente vigilancia consegue desviar-o do mal.

O menino molda-se á sua vontade, á sua influencia, e guiado pelo amor solícito e desvelado que ella lhe dedica cresce nas melhores disposições, e tornando-se homem, si encontra na esposa a mesma ternura prosegue na senda do bem, da qual só o poderá afastar o turbilhão de paixões desencadeadas e furiosas.

Elle pode resvalar uma vez, mas é sustido á borda do abysmo por uma angelica e carinhosa mão. Retrocede, e vae buscar no asylo que abandonou um instante o esquecimento de sua loucura.

A mulher digna de sua nobre missão transforma o lar em um paraíso e consegue com um sorriso desviar delle todas as afflicções, desterrar todas as tristezas.

Com uma assisada economia mantém o equilibrio dos negocios domesticos, e colloca as despezas ao nivel dos meios de que o marido pode dispôr.

Desdenha os ornatos frivolos, e faz das boas maneiras e das graças que dá a educação a par da amabilidade, o seu principal adorno.

Encarrega-se de instruir o espirito dos filhos, e para isso deve possuir uma boa somma de conhecimentos uteis e uma instrucção aprimorada.

Nos agradaveis serões familiares entretém com os dotes de sua intelligencia o prazer e a união, evitando assim que o marido e os filhos vão procurar frequentemente em outra parte as distrações que podem ter ao lado della, e em um delicioso concheço solidifica o edificio de sua felicidade, e estreita cada vez mais os laços formados pelo sangue e pelo amor.

Não quero dizer com isto que ella se abstenha de frequentar a sociedade e que se encerre em casa, o que seria monotono e fastidioso.

Deve pelo contrario cultivar boas relações, tendo, porem, o maximo cuidado em escolhel-as, porque assim como uma amiga sincera é um thesouro de raro valor, tambem uma amiga fingida é uma serpente que mais cedo ou mais

tarde inocula o veneno de sua alma n'aquelles com quem convive.

A bôa esposa auxilia em todas as occasiões com prudentes conselhos o companheiro de sua vida, e nunca o inibe de tornar-se util á sociedade e a seus semelhantes por um exagerado egoismo e um excessivo affecto mal entendido.

E' ella a primeira a dizer-lhe o que deve fazer, e tornar facil o que lhe parecia difficil, a compartilhar as decepções e prazeres que lhe sobrevenham nas alternativas da vida, sendo sempre a amiga desvelada e carinhosa prompta a derramar gotta a gotta o amor que se alberga no seu coração sobre a existencia d'aquelle a quem ligou a sua.

Não será mil vezes mais glorioso desempenhal-o e fazer da creança um homem util á patria e á familia do que sentar-se nos bancos de academias em busca de um pergaminho, ou acompanhar os vaevens da politica, duende fatal que deve ainedrontar até os animaes varonis?

Não será mais proveitoso para a mulher entreter-se horas e horas a cuidar das lides domesticas e a velar pelo bem estar da familia do que entregar-se ao desempenho de cargos publicos, nos quaes gasta a saude e anniquila o espirito?

Longe vae felizmente a era obscura em que ella agrilhoada ao mais cruel preconceito e sob o jugo de uma lei barbara era uma escrava, um simples objecto de luxo para o homem.

Hoje existe por si mesma, conhece seus deveres, pode dispôr de luzes sufficientes para não se perder na noute da ignorancia, e fazendo do lar o seu mundo, concentrando na familia as suas mais caras aspirações viverá feliz e fará a felicidade dos outros.

Educae, pois, a mulher, ajuntae aos dotes naturaes que a embellesam os encantos de um espirito cultivado, avigoraelhe os bons sentimentos, tornaem fim digna de educar os filhos e preparal-os para a vida completa, e ella será um diamante de inexcedivel valor, a lampada maravilhosa a espagir luz em torno do lar, a fonte de onde dimanarão a prosperidade e a ventura de familia.

F. CLOTILDE B. LIMA.



UMA OBSERVAÇÃO

E' bem notavel e accentuado o facto de, por toda parte, levantar-se uma intermina reclamação contra isto que todos conhecem sob o nome millenario de—rhetorica. O jornalista, o poeta, o orador, o philosopho, o estadista, o financeiro, mesmo o rhetorico, todos, até o esculptor, se adunão n'uma grita infrene, enorme contra ella.

Terá razão de ser esta terrivel animadversão?...

Estará findo, definitivamente o imperio da forma, para ser inaugurado o do espirito puro e simples, da idéa nua e positiva?

Teria vencido Baudelaire?

Custa nos muito crer... E basta um rapido olhar sobre o movimento litterario contemporaneo para guardarmos a certeza, firmarmos a nossa convicção de que, nunca a rhetorica teve dominio mais dilatado e mais formidavel, uma soberania mais absoluta. Tem invadido tudo, a analyse do sabio, a ode do poeta, as prelecções do jurista e as informações dos ministros.

Donde provem, pois, esse grande odio, si ella é tão querida, tão amada e tão festejada?

Diz se por ahi, n'um fremito de mil emoções boas, que o nosso tempo é o da luz, do progresso, da electricidade, do vapor, da usina, e da nevrose.

Parece-nos mais opportuno, mais acertado, dizer que elle é o seculo da rhetorica, por isto mesmo que é de tudo aquilo.

A rhetorica é a lei da forma, porque a forma é o vehiculo mais viavel da idéa. N'um tempo de labor incessante, da vertigem do movimento, só poderá attrair a attenção publica, preoccupada com tantas cousas diversas, aquella idéa que trazer uma roupagem tão scintillante que os seus tons se destaquem no meio do tumulto.

Desta verdade estão convencidos aquelles mesmos que bradão contra a impeccabilidade da forma.

Não se deve concluir d'aqui que o escriptor occupe-se exclusivamente do cinzelamento da phrase, do arredondamento do periodo, do esculpturamento dos livros. Isto já não seria rhetorica, seria... cousa nenhuma.

Alem disto, é pensar nosso: não se poderá nunca ourivesar uma phrase elegante, sem uma idéa pelo menos gentil. Um livro bem pensado é necessariamente um livro bem escripto, e sua rhetorica será tanto mais digna, quanto mais elevada for a idéa que ella representa.

Só a belleza é immutavel. E ha nada mais bello do que uma bella ideia enroupada n'uma phrase bella?

Mas a forma passou... dizem.

Não passará nunca! afirmamos. Ainda hoje sentimos a perfeição technica da Eneida e da Divina Comedia, e sobre ella já rolarão seculos.

Deem a um livro o aprumo,

a elasticidade, a elegancia de estatua; correcto, fino, superior. e elle passará atravez das idades, aos applausos dos que tem bom gosto, e senso esthetico.

E' verdade que ha duas rhetoricas: uma sabia, sensata, convencida, agil, fresca, que é o utencilio dos grandes operarios da intelligencia; outra presumida, vulgar, casquilha, balôfa e pulha, que é a mania estylistica dos mediocres, dos Acacios, dos Wagner no Fausto;—uma rhetorica idiota.

Si é contra esta que se rebrame, aqui estamos para ajudar aos que pelejão para estrangularem-a. Façamos um auto de fé contra ella, que é uma malfeitosa; que se insinua como uma nodosa oleosa, no bom gosto, no senso commum; que vive pelos jornaes pregando moral, pelos annuncios apregoando drogas, pelos tribunaes objurgando «em nome dos sacrosantos principios»: por toda parte, entonada, formalistica, condecorada, microfica, catholica, impavonada: arrastando o seu longo e bafioso manto de velha atriz impotente.

Contra esta rhetorica, muito bem; guerra de exterminio.

Contra aquella, porem, que vestio os cantos de Homero, os versos de Virgilio, os tercetos de Dante, os fulmineos annaes de Tacito; que atravessou os seculos, portadôra de todas as joias do espirito humano, e que ainda hoje floresce, eternamente primavel e radiosa, nas brilhantes paginas que esta geração vae lançando febrilmente aos quatro ventos; contra esta rhetorica, não! Toda aggressão será um mal, será um crime contra o bom senso esthetico.

L. CABRAL.